

Angel Herreros de Mora

Um expoente da convergência ibérica na implantação do anglicanismo peninsular*

*JOSÉ ANTÓNIO AFONSO***

*ANTÓNIO MANUEL S. P. SILVA****

*SILVESTRE LACERDA*****

*FERNANDO PEIXOTO******

Resumen

Herreros de Mora es una de las personalidades más relevantes en los movimientos de la Reforma religiosa que se desarrolló en Portugal durante el siglo XIX, y cuya consecuencia fue la afirmación institucional de varias iglesias evangélicas. Entre ellas la Iglesia Lusitana (Episcopal). Sobre la base de los conocimientos que se tenían, a lo cuales se ha venido a sumar ahora información inédita, ofrecemos una visión de la acción de este presbítero anglicano en Portugal entre 1867 y su muerte en 1876.

Palabras clave: Protestantismo. Anglicanismo. Portugal. Siglo XIX.

* Fecha de recepción: 20 de octubre 2004.

** Univ. do Minho, Instituto de Educação e Psicologia. Dep. Pedagogia. Campus de Gualtar. P-4700 Braga.

*** Univ. do Porto, Fac. de Letras (DCTP). Via Panorâmica, s/n. P-4150-564 Porto. Igreja Lusitana Católica Apostólica Evangélica.

**** Arquivo Distrital do Porto. Rua das Taipas, 90. P-4050-598 Porto.

***** Escola Superior Artística do Porto. Largo de S. Domingos, 63. P-4000 Porto.

Abstract

Herreros de Mora was one of the main personalities of the Religious Reformation's movements in course in Portugal during the 19th century which lead to the institutionalization of various churches, namely the Lusitanian (Episcopal) one. The elements here collected and the addition of some unpublished information systematise the action of this anglican priest in Portugal between 1867 and his death in 1876.

Key words: Protestantism; Anglicanism; Portugal.

Introdução

Os movimentos de reforma religiosa que tiveram lugar em ambos os estados ibéricos durante o século XIX revelaram, entre outros aspectos, raízes e apoios idênticos e assinalável convergência de pontos de vista doutrinários, sublinhados pelo paralelismo cronológico das iniciativas de matriz anglicana, que culminaram na circunstância de terem sido formalmente institucionalizadas no mesmo ano de 1880 quer a Igreja Espanhola Reformada Episcopal, quer a Igreja Lusitana Católica Apostólica Evangélica.

A similitude do desenvolvimento deste processo de reforma em ambos os países manifestou-se por uma linha doutrinária firmemente sustentada, que incorporando e reconhecendo o contributo das correntes evangélicas, afirmava antes de mais os seus princípios de restauração católica.

Na verdade, os movimentos que conduziram ao estabelecimento daquelas duas igrejas assentaram essencialmente em pequenos grupos de ex-clérigos católicos, que abandonaram a comunhão de Roma por desacordo com aspectos dogmáticos e com a cada vez mais evidente inadequação das estruturas hierárquicas às transformações sociais, políticas e culturais da contemporaneidade. O pontificado de Pio IX, em particular, desagradou profundamente a muitos clérigos e leigos instruídos da escola liberal e com algum contacto com ideias religiosas de cariz protestante ou reformador, podendo salientar-se entre as razões desse afastamento a proclamação do dogma da concepção imaculada da Virgem Maria (1852), as 80 proposições do *Syllabus* anexo à encíclica *Quanta Cura* (1864) e a frustração de qualquer intenção reformadora no Concílio Vaticano I (1870), que aliás definiu como novo dogma o da infalibilidade papal, considerado nos círculos mais progressistas como castrador de todo o princípio da razão e da livre crítica.

Em paralelo, desde os começos do século XIX, que se faziam sentir na Península os esforços decorrentes das preocupações evangelísticas do *réveil* religioso verificado na Grã-Bretanha e em outros países¹. Esses esforços de missionação traduziam-se quer pela difusão de Bíblias em vernáculo e outra literatura apologética, amplamente distribuídas pelos colportores, quer pela acção mais directa de missionários ingleses e de outras nacionalidades.

Em Portugal, a partir de 1809 e durante cerca de um século, a Sociedade Bíblica de Londres pôs a circular mais de milhão e meio de exemplares de edições da Bíblia e

1 GUICHARD, François: «Le Protestantisme au Portugal», *Arquivos do Centro Cultural Português*, 28 (1990), 455-482.

folhetos com porções bíblicas², ocorrendo do lado espanhol idêntica difusão das Escrituras, como é exemplo a acção da escocesa *Spanish Evangelization Society*, que apenas entre 1855 e 1856 enviou para Espanha mais de 100 000 Bíblias e outras publicações³. A acção dos missionários estrangeiros, tomando frequentemente o enclave britânico de Gibraltar como base de operações⁴, foi também extraordinariamente importante, destacando-se naturalmente o papel do wesleyano William H. Rule⁵, cuja influência sobre Gómez y Togar, Mora, Cassels e outros reformadores em Portugal está ainda, em grande medida, por averiguar cabalmente⁶.

Aliás, o relacionamento e cooperação entre clérigos e outros obreiros dos dois países ibéricos, constitui assunto também ainda muito pouco estudado, para além de referências relativamente isoladas a correspondências e visitas em ambos os sentidos. Aparentemente, porém, parece ser bem mais significativa a acção de clérigos e missionários espanhóis em Portugal, especialmente centrada em Lisboa e que concorreu marcadamente para a fundação da Igreja Lusitana.

O precursor dessa fecunda colaboração foi Vicente Gómez y Togar, um cónego da Catedral de Málaga exilado em Gibraltar, e depois na Grã-Bretanha, em razão das suas convicções políticas liberais e religiosas. Admitido na Igreja Anglicana, aparece em Lisboa em meados da década de 1830 como representante de uma sociedade missionária. Por volta de 1839 funda na capital portuguesa a «Capela da Propagação Evangélica», uma comunidade religiosa de matriz episcopal que resistiria até 1870, carecendo de maior investigação o papel e significado desta congregação religiosa e da liderança de Gómez para os movimentos de reforma iniciados no terceiro quartel de Oitocentos⁷.

Três décadas depois de Gómez chegaria à capital portuguesa Herreros de Mora, cuja acção parece ter sido bem mais consequente no sentido da institucionalização de uma comunidade eclesial diferenciada da romana pela matriz teológica, prática litúrgica, acção pastoral e governo interno.

2 FERREIRA, Guilherme S.: *A Bíblia em Portugal. Apontamentos para uma monographia – 1495-1850*. Lisboa. 1906.

3 VILAR, Juan B.: *Intolerancia y libertad en la España Contemporánea. Los orígenes del Protestantismo Español actual*. Madrid: Istmo. 1994, p. 289.

4 CARR, Raymond: «Prólogo». In Vilar, Juan B.: *Intolerancia y libertad...*, p. 12.

5 VILAR, *op. cit.*, p. 131ss.

6 ASPEY, Albert: *Por este caminho. Origem e progresso do Metodismo em Portugal no Século XIX...* Porto: Ig. Evang. Metod. Portug. 1971, pp. 16-29.

7 Sobre este assunto ver MOREIRA, Eduardo H.: *Vidas Convergentes. História breve dos movimentos de reforma cristã em Portugal a partir do século XVIII*. [Lisboa]: Junta Presbit. Coop. Portugal. 1958, pp. 109-149; *Idem: Crisóstomo Português. Elementos para a história do púlpito*. Lisboa: Junta Presbit. Coop. Portugal. 1957; SILVA, António Manuel S. P.: «A Igreja Lusitana e o Republicanismo (1880-1910) - convergências e expectativas do discurso ideológico», in *A Vida da República Portuguesa 1890-1990*. Vol. 2. Lisboa: Coop. Est. Document. 1995, p. 704; *Idem: «Os protestantes e a política portuguesa. O caso da Igreja Lusitana na transição do séc. XIX para o séc. XX», Lusotopie (1998), pp. 273-274.*

Herreros de Mora, uma biografia crítica

Numa obra de fundo sobre a reforma religiosa em Espanha na época contemporânea, Juan B. Vilar anota que há «pocas personalidades tan enigmáticas en los anales del protestantismo español ochocentista como Angel Herreros de Mora»⁸. Com efeito, D. Angel exemplifica bem, de acordo com os dados biográficos conhecidos, o percurso sinuoso, de desafio e aventura, com traços até de alguma epicidade, que caracterizou muitos dos pioneiros do protestantismo peninsular, nos quais o combate político se mesclava por vezes com o risco de heterodoxia religiosa numa sociedade em mudança mas cujas instituições dominantes se revelavam ainda muito pouco abertas às transformações da ideologia e da crença.

Dos primeiros dois terços da vida de Herreros de Mora, passados em Madrid (1815-1856) e que corresponderam quer à sua formação religiosa católica e ordenação sacerdotal, quer à posterior maturação e aprofundamento espiritual que o levariam a afastar-se da Igreja Romana e a aderir a concepções jansenistas, segundo alguns autores⁹, e seguidamente de matriz evangélica, nada se acrescenta de inédito no presente texto, para além de uma compilação cronológica, no quadro biográfico publicado em apêndice (Anexo I), do que, devidamente documentados, registaram os principais biógrafos de D. Angel¹⁰. O mesmo sucede, aliás, com os períodos em que Herreros de Mora viveu em Londres (1856-1862) e sobretudo em Nova Iorque (1862-1867), onde a sua acção pastoral terá tido maiores resultados. Interessou-nos por ora a análise da presença deste reformador em Portugal (1867-1876) e o seu contributo para a consolidação neste país de uma comunidade anglicana de expressão não exclusivamente anglófona, de que Gómez y Togar havia sido aparentemente o fundador.

As fontes bibliográficas prioritárias para a reconstituição do percurso eclesial de Herreros de Mora em Portugal são constituídas, para além dos seus escritos, por correspondências entre obreiros evangélicos que viviam em Portugal e eclesiásticos ingleses e irlandeses, que se referem de passagem ao presbítero espanhol, e que foram recolhidas essencialmente por Albert Aspey¹¹, sendo também de grande interesse os testemunhos de Diogo Cassels¹² e Godfrey Pope¹³, amigos e admiradores de D. Angel. Algumas alusões esparsas feitas por personalidades coevas acrescentam por vezes dados

8 VILAR, *op. cit.*, p. 294.

9 MOREIRA, *Vidas Convergentes...*, p. 227.

10 MOREIRA, *Vidas Convergentes...* e VILAR, *Intolerancia y libertad...*

11 *Por este caminho...* Porto, 1971.

12 CASSELS, Diogo: *A Reforma em Portugal. A historia resumida já publicada na «Egreja Lusitana» nos annos de 1897 e 1898, revista, augmentada...* Porto: Typ. a Vapor de José da Silva Mendonça. 1906. Esta obra, publicada anonimamente, fora já editada em fascículos no jornal *Egreja Lusitana*, N.ºs. 10 a 58 (Out. 1897 – Out. 1898), Vila Nova de Gaia) e n' *O Evangelista*, N.ºs 104 a 131 (Out. 1897 – Dez. 1898), de Lisboa, sendo nesta última publicação o trabalho assinado por Diogo Cassels.

13 POPE, Godfrey: «The Church in Portugal. Extracts from a letter to the Most Rev. Lord Plunket, Bishop of Meath, from the Rev. ...». *Ligth and Truth*. Vol. 1 (1). (Jan. 1881), p. 16-19.

relevantes, como é o caso de alguns elementos publicados no jornal portuense *A Reforma*, em 1877 e 1879¹⁴, ou as ligeiras anotações biográficas feitas pela esposa do Rev. Augusto Ferreira Torres, que foi aluno de Herreros de Mora na escola elementar fundada pelo espanhol, numa obra póstuma de seu marido¹⁵.

As informações coligidas pelo Rev. Joaquim dos Santos Figueiredo¹⁶, que já não deverá ter conhecido D. Angel, serão seguramente provenientes de quem com ele privou ou acompanhou no projecto da Igreja Evangélica Espanhola (IEE), transmitindo-nos por certo a imagem e a memória que a jovem Igreja Lusitana guardava de um dos seus percursos mais notáveis em vésperas da revolução republicana. O grande biógrafo de Herreros de Mora seria todavia Eduardo Henriques Moreira¹⁷, que aliás cresceu na comunidade episcopal herdeira da IEE, a Igreja de S. Pedro¹⁸. Moreira deverá ter articulado elementos da *tradição*, ou da memória oral evangélica das primeiras décadas do séc. XX com documentação original que estaria na sua posse, possibilitando-lhe traçar um quadro bastante exaustivo do percurso biográfico de Mora, se bem que sejam comparativamente mais abundantes os dados relativos à sua vivência em Espanha e ao exílio que o levou de Gibraltar a Nova York que os respeitantes à sua acção em Portugal. A maior parte dos autores modernos pouco ou nada acrescentam a estas fontes bibliográficas para além da clarificação de um ou outro detalhe, constituindo excepção os elementos apresentados por Juan B. Vilar¹⁹ para a biografia de Herreros de Mora antes do seu desembarque em Lisboa.

Para evitar descrições fastidiosas, sintetizamos no quadro cronológico constante do Anexo I os principais elementos biográficos respeitantes à figura que estamos a analisar, com particular destaque, como se compreende, para tudo o que se refere à sua actividade no nosso País.

Alguns dos aspectos da vida de Mora permanecem obscuros e são objecto de versões contraditórias de diferentes autores. Tal é o caso, por exemplo, do seu casamento, em 1855, que J. B. Vilar diz ter sido realizado nos Estados Unidos²⁰ e E. Moreira anota ter sido efectuado ainda em Londres, talvez numa igreja metodista, informando-nos também

14 «Egreja Evangelica Hespanhola estabelecida em Lisboa», *A Reforma. Folha Evangelica*, 7 (1 Nov. 1877), p. 27; ALVES, Alexandre J.: «Comunicado», *A Reforma. Folha Evangelica*, 20 (15 Maio 1879), pp. 157-158.

15 TORRES, Virginia I.: «Breves traços biographicos», in Torres, Augusto F.: *Horas de Conforto e Paz. Collecção de Sermões Evangelicos*. Lisboa: Typ. J. Ferreira de Medeiros. 1900, p. V-IX.

16 FIGUEIREDO, J. Santos: *Factos notaveis da Historia da Egreja Lusitana*. 2ª ed. «Biblioteca Antonio Maria Candal». 2ª série. 2. Porto: Typ. Mendonça. 1910; *Idem*: «O Jubileu da Igreja Evangélica Episcopal. Rev. A. Herreros de Móra». *A Luz e Verdade*. Ano 15. Nº 8 (Agosto 1920). Porto, p. 1-2.

17 MOREIRA, *Vidas Convergentes...*, pp. 197-244; *Idem*: *Esboço da História da Igreja Lusitana*. S. I. [Vila Nova de Gaia]: Igreja Lusitana Cat. Apost. Evangélica. 1949.

18 VIANA, Maria A. N.: *Eduardo Moreira, um construtor da diferença*. Dissert. mestrado apresent. à Fac. Letras Univ. Porto. 2 vols. Porto: dactil. 1999, p. 13.

19 *Op. cit.*, pp. 294ss.

20 *Idem*, p. 296.

sobre o nome da esposa, que seria Heloísa²¹. Não surpreenderá talvez que sejam incertos e recamboscicos os pormenores da sua fuga das prisões eclesiásticas de Madrid, considerando mesmo Vilar que devem aceitar-se com algumas reservas as peripécias que Herberos noticia no seu livro autobiográfico²². Ao contrário de Juan B. Vilar, porém, segundo o qual o clérigo terá escapado de Madrid através do apoio da legação diplomática norte-americana, rumando para Paris e daí para a Inglaterra²³, Diogo Cassels regista que a fuga se terá orientado para Gibraltar, onde Mora terá tido o apoio de William Rule²⁴, detalhe de importância para se avaliar a eventual intervenção e influência daquele célebre obreiro evangélico no percurso ideológico de Mora. Testemunho idêntico, aliás, é transmitido por Robert Moreton, o primeiro superintendente metodista em Portugal, numa carta dirigida à Sociedade Wesleyana de Londres em Julho de 1874, na qual expressava a sua convicção de que o clérigo episcopal Herreros de Mora seria «fruto do trabalho do Dr. Rule»²⁵.

Outro aspecto em que as fontes não coincidem de todo é o que respeita à condição na qual D. Angel chegou a Lisboa e aos apoios financeiros que teria, designadamente provenientes dos Estados Unidos. Juan B. Vilar afirma expressamente que Mora «foi enviado a Portugal como responsável de uma obra de evangelização aberta em Lisboa»²⁶, assinalando o carácter comissionário da sua vinda, aqui contrastando com as indicações de Cassels, Figueiredo e Moreira, que sugerem ser quase casual, enquanto aguardava oportunidade de regressar a Espanha, a presença inicial de Mora na capital portuguesa²⁷. Cassels, que conheceu Mora, anotou que o clérigo episcopal «chegou a Lisboa sem dinheiro e sem protecção; não era agente de nenhuma sociedade, e a sua visita a Portugal foi devida a um irresistível impulso Divino», acrescentando ainda que D. Angel «nunca pediu auxílio a pessoa alguma nem para si nem para a congregação que formou»²⁸. No mesmo sentido testemunha o capelão anglicano em Lisboa, o cónego Pope, em carta ao Bispo Plunket, de Meath:

«In 1867, another ex-Spanish priest, Rev. A. H. de Mora, who had been received into the American Episcopal Church, came here [Lisboa]. He was alone – unhelpt by our Church, or by any Society. Nevertheless, he gathered a number of native Protestants round him.»²⁹

21 MOREIRA, *Vidas Convergentes...*, p. 228-229.

22 VILAR, *op. cit.*, p. 297.

23 *Idem, ibid.*

24 CASSELS, *op. cit.*, pág. 67.

25 ASPEY, *op. cit.*, p. 149.

26 *Op. cit.*, p. 298.

27 CASSELS, *op. cit.*, págs. 67-68; FIGUEIREDO, *Factos notáveis...*, p. 43; MOREIRA, *Vidas Convergentes...*, p. 230.

28 *Op. cit.*, pág. 68. A pp. 85 da mesma obra Cassels reafirma que os membros da igreja de Mora «durante muitos annos não receberam amparo algum de qualquer sociedade auxiliadora».

29 POPE, *op. cit.*, p. 18.

Aliás, diversas informações dão conta das grandes dificuldades financeiras que Mora e a sua congregação sentiriam habitualmente. Diogo Cassels nota mesmo que o fundador da Igreja Evangélica Espanhola terá passado «muitas vezes fome e miséria»³⁰, sustentando-se essencialmente das colectas dominicais nos serviços religiosos³¹ e explicitando que os membros da congregação

«Todos os mezes pagavam-lhe uma quantia suficiente para poder viver modestamente, mas este zeloso ministro dava quasi tudo aos pobres, de maneira que teria passado fome se a Junta da Igreja não tivesse lançado mão do alvitre de lhe mandar o jantar todos os dias, e se um zeloso christão por nome Mauricio não tivesse offerecido servir seu pastor sem salario algum, o que effectivamente fez durante alguns annos.»³²

Eduardo Moreira, para quem Mora «viveu pobre, mas sempre pronto a socorrer outros pobres», recorda um testemunho directo:

«Tivemos por amigo o filho (...) do seu companheiro dos últimos anos, quando viúvo: o velho Mauricio Gouveia, que lhe assistiu em casa e na Igreja, com tanta intimidade que chegavam ambos a compartilhar, por necessidade de momento, as mesmas peças de roupa. Porque D. Ângelo não sofria a miséria alheia, preferindo-lhe a sua própria penúria; e por isso dava, dava, dava...»³³

Do mesmo modo, a congregação que Mora liderava, apesar de muito numerosa, segundo diversos registos, seria formada por crentes que «eram todos pobres»³⁴ –maioritariamente pequenos lojistas, soldados e aguadeiros, na descrição porventura simplificada de Noyes³⁵– fazendo grandes sacrificios para sustentar o pastor e mobilar a capela instalada no armazém arrendado da Rua de Nossa Senhora da Conceição³⁶. Em 1872, uma comissão de senhoras da Igreja Luterana de Lisboa, reúne fundos para apoiar a igreja e escola anexa, instituições «cuja pobreza era bem conhecida», na expressão de Moreira³⁷.

30 CASSELS, *op. cit.*, p. 68.

31 Carta de Diogo Cassels à Sociedade Metodista Wesleyana, de 18-02-1875, cit. em ASPEY, *Vidas Convergentes...*, p. 157.

32 *Idem*, p. 69.

33 MOREIRA, *Vidas Convergentes...*, p. 231.

34 CASSELS, *op. cit.*, p. 69.

35 NOYES, H. E.: *Church Reform in Spain and Portugal. A short history of the Reformed Episcopal Churches of Spain and Portugal, from 1868 to the present time*. London: Cassell and Company. 1897, p. 119. A congregação contava, todavia, com o apoio de alguns estrangeiros de considerável estatuto socio-económico, como era o caso de Mr. Howarth, proprietário da importante Fábrica de Louça de Sacavém (POPE, *The Church in Portugal...*, p. 18; SANDÃO, Artur de: *Faiança Portuguesa. Séculos XVIII-XIX*. Vol. 2. Porto: Civilização. 1985, p. 199),

36 CASSELS, *ibid.* Cfr. também FIGUEIREDO, «*O Jubileu...*», p. 2.

37 *Vidas Convergentes...*, p. 234.

Em 1877, já depois da morte do seu fundador, os responsáveis da IEE dirigem uma circular a todos os crentes e igrejas acatólicas solicitando apoio financeiro para a congregação. Aí explicitam que

«a Igreja (...) conta numero crescido de membros, todavia são pobres, e apenas podem contribuir para as necessidades mais urgentes» [vivendo] «pelos esforços de seus membros com a coadjuvação de alguns christãos estrangeiros residentes em Portugal, os quaes têm continuado a contribuir com a quantia de cinquenta e um mil setecentos e cinquenta reis cada anno, recebendo da Sociedade Dominical de Nova York por uma só vez dezoito mil reis.»³⁸

Este apelo parece elucidativo das dificuldades sentidas para sustentar a congregação religiosa e o colégio, pelo que deveremos talvez concluir que se nesta época a IEE se encontrava federada à Igreja Episcopal dos EUA, como nota Vilar³⁹, tal ligação não assegurava por certo a manutenção do trabalho religioso e educativo da comunidade plantada por Herreros de Mora.

De dificuldade em dificuldade, o clérigo episcopal continuou o seu trabalho evangelístico e pastoral em Lisboa durante nove anos. Na Primavera de 1876 Mora «foi atacado por uma moléstia aguda»⁴⁰, que outra fonte descreve com maior precisão como um ataque de paralisia seguido de uma infecção pulmonar⁴¹, a que não resistiria, falecendo a 7 de Maio desse ano⁴². O seu funeral foi muito concorrido, contabilizando-se um acompanhamento de cerca de 250 pessoas em ambiente de profunda consternação, motivando mesmo ao capelão britânico Godfrey Pope o comentário de que nunca havia presenciado tal sentimento de tristeza num funeral no nosso País⁴³.

O enterro de Mora, realizado no Cemitério Ocidental de Lisboa (actualmente Cemitério dos Prazeres) suscitou um facto extraordinário, que levaria mais tarde Cassels a anotar que até a sua morte «foi um triunfo para o Evangelho»⁴⁴. Na realidade, aquele cemitério possuía à época uma divisória de madeira que separava uma área restrita para os defuntos não católicos. Alguns dos presentes na cerimónia e, nos dias subsequentes, o liberal *Jornal do Comércio* insurgiram-se contra a divisória, que rapidamente a Câmara Municipal de Lisboa mandou derrubar⁴⁵.

38 «Egreja Evangelica Hespanhola estabelecida em Lisboa», *A Reforma. Folha Evangelica*, 7 (1 Nov. 1877), p. 27.

39 *Op. cit.*, p. 301.

40 CASSELS, *op. cit.*, p. 70.

41 NOYES, *op. cit.*, p. 124.

42 E não em 1872, como por lapso regista E. Moreira. *Vd. infra*, nota 74.

43 *Op. cit.*, p. 124.

44 *Op. cit.*, p. 70.

45 ASPEY, *op. cit.*, pp. 176-177.

As reacções do conservadorismo católico mais ultramontano não se fizeram esperar, como pode ver-se pelo modo virulento como *A Nação*, órgão legitimista, descreve a última viagem terrena de D. Angel:

«Uma procissão, que se não tivéssemos a lamentar um erro de um irmão só podia ter parêlhas com o enterro do bacalhao, atravessou esta capital, dirigindo-se ao cemiterio catholico com um programma inteiramente novo para impressionar o povo, e contra as leis d'este reino, invadiu e profanou o nosso cemiterio catholico. Havia morrido um denominado Bispo Eleito de uma cousa que ahi chamam religião evangelica, e o prestito, composto de mulheres e creanças (...) acompanharam os restos mortaes d'aquelle infeliz e illuso homem á cova.»⁴⁶

A polémica foi tanto mais acesa, quanto o Patriarca católico da capital declarou profanado o cemitério, determinando a benção individualizada de cada nova sepultura que se abrisse para um enterro canónico, obrigando à deslocação do padre para este efeito e assim encarecendo o ofício para os de menos posses. Durante meses, os jornais liberais de Lisboa degladiaram-se com os de pendor católico, destacando-se entre estes últimos *A Nação*, que desde o enterro de Mora antevira a emergência dos enterros civis e a abertura dos campos santos a protestantes, maçons e ateus, que aliás classificava indistintamente⁴⁷.

O corpo de Herreros de Mora foi sepultado em campa rasa, mas entretanto constituiu-se na Igreja Evangélica Espanhola uma comissão encarregada de erigir um monumento ao seu bispo-eleito. Esta comissão, representada por Augusto Carlos Villas, dirigiu um requerimento à Câmara Municipal de Lisboa, em 18 de Maio de 1878, solicitando a compra de uma superfície de terreno com um metro de frente por 2,20 metros de fundo no Cemitério, com vista à edificação de um jazigo. De acordo com o projecto anexo ao requerimento (Fig. 2), o monumento funerário seria encimado por um busto de D. Angel, vestido com casaca, e ostentaria na face central a inscrição votiva «*Á memoria de Don Angel Herreros de Móra. Bispo eleito e fundador da Igreja Evangélica em Portugal. Os seus congregados*», enquanto nas laterais do jazigo se aporiam frases bíblicas extraídas do livro dos Salmos: «*A memoria do justo será eterna – Ps. 111, v. 7*» e «*Bemdito o que vem em nome do Senhor – Ps. 117, v. 26*»⁴⁸.

46 *A Nação. Jornal Religioso e Politico*. Nº 9358. (8 de Junho de 1876). Lisboa.

47 Antevisão aliás acertada, pois apenas dois meses após o enterro de Mora, o mesmo jornal noticiava a inumação no cemitério oriental de Lisboa do médico maçom Aires Maia (*A Nação*, nº 9372, de 8-7-1876), o primeiro enterro civil feito em Portugal, (FONSECA, Carlos da: *História do Movimento Operário e das Ideias Socialistas em Portugal. III. O Operariado e a Igreja Militante (Da Rerum Novarum à implantação da República)*. Mem Martins: Europa-América. S.d., p. 74).

48 Arquivo Municipal de Lisboa: AML-AC, Procº de Jazigo nº 2597. Agradecemos ao Dr. Arménio Tojal, do Arquivo da Câmara Municipal de Lisboa, a localização e a cedência de cópia deste interessante documento.

A Câmara aprovou a pretensão em 24 de Maio do mesmo ano, mas a trasladação do corpo do clérigo viria a ter lugar apenas a 8 de Maio de 1879, três anos após o seu enterramento. O título do mausoléu, com o nº 2597, seria passado em 23 de Abril de 1879 ao mesmo Augusto Carlos Villas, identificado como comerciante e morador na Rua do Alecrim, nº 85, em Lisboa. Conforme indicado, o custo do terreno atingiu os 23\$000 réis, a que se somaram 1\$200 réis pelo registo e 3\$420 das despesas da trasladação⁴⁹. O Cemitério dos Prazeres era então o preferido para o descanso dos defuntos de melhor condição social da capital, estando em notável ascensão o costume da inumação em jazigo familiar⁵⁰. O jazigo projectado para Mora, que iria juntar-se aos mais de 7500 já então erigidos nos Prazeres, em pouco excedia a área mínima regulamentar (2 m²) e o correspondente preço de tabela (20\$000)⁵¹, o que denota, compreensivelmente, alguma contenção no investimento.

Talvez ainda assim por falta de meios, porém, o projecto não viria a ser concretizado segundo o desenho original, tendo o busto de Mora sido substituído por uma singela cruz de extremidades triangulares, montada numa coroa sobre um livro aberto, mantendo-se de acordo com o plano inicial o plinto do monumento e as inscrições (Fig. 3).

A Igreja Evangélica Espanhola

Após a chegada a Lisboa, em Outubro de 1867, Herreros de Mora entra em contacto com Helena Roughton, que desde há alguns anos reunia um pequeno grupo de crentes em sua casa, na Cruz do Tabuado, e com o seu filho Francis Roughton, agente da Sociedade Bíblica⁵². Conhece também o Cónego Godfrey Pope, capelão anglicano, que nesse mesmo ano iniciava funções em Lisboa, vindo de Sevilha⁵³, e o pastor presbiteriano escocês Rev. Robert Stewart, que lhe terá facultado o primeiro espaço, «um salão perto da Moeda» para reuniões evangélicas às segundas-feiras⁵⁴.

Neste local terão Mora e os seus primeiros adeptos sido alvo da intolerância de populares, provavelmente em começos de 1868. Na expressão de Cassels, «a casa do culto foi assaltada, vidros e candieiros voaram pelos ares, bancos e cadeiras foram feitos em miudos pedaços, o pastor foi ameaçado»⁵⁵. Durante alguns anos há notícia da congregação se ter reunido em diversos locais de Lisboa: no Largo das Olarias, na

49 O título do mausoléu e o recibo correspondente ao pagamento dos custos da trasladação encontram-se no Arquivo Histórico Diocesano da Igreja Lusitana.

50 CARVALHO, José A. S. [et al.]: «A necrópole romântica como museu da morte», *História*, 124 (Jan. 1990), Lisboa, pp. 45-46.

51 *Idem*.

52 CASSELS, *op. cit.*, p. 68 ; Moreira, *Vidas Convergentes...*, p. 230.

53 HAMPTON, John D.: *History of the Lisbon Chaplaincy*. 2ª ed. [Com revisões de E. N. Staynes]. S.l. [Lisboa]: The Church Council. 1989, p. 49.

54 CASSELS, *op. cit.*, p. 68. Neste mesmo espaço funcionaria, provavelmente aos Domingos, a capela presbiteriana liderada pelo Rev. Robert Stewart (ASPEY, *op. cit.*, pp. 71-72).

55 *Ibid*.

Travessa da Horta de Jesus, no Largo das Alianças⁵⁶ e, segundo J. Vilar, mesmo em casas particulares, de forma clandestina⁵⁷. O número de seguidores de D. Angel parecia aumentar, referindo diversas fontes valores entre 40 e mais de 70 pessoas, com casos esporádicos de assistências na ordem das diversas centenas.

Em finais de 1869, um local arrendado na Rua da Conceição, à Praça das Flores, que as fontes descrevem como «uma barraca» ou «um armazém», foi mobilado e transformado numa «Capella simples mas decente»⁵⁸. Santos Figueiredo descreve com emoção as dificuldades da adaptação do barracão a casa de culto, salientando o esforço dos crentes para a prover do indispensável ao serviço litúrgico e concluindo que «todos se converteram em operarios, e assim se vestiu a casa, e o pobrinho templo ergueu-se!»⁵⁹. À inauguração da capela, em 8 de Dezembro desse ano, confere o mesmo Autor um carácter institucional, ao designá-la expressamente como *Igreja Evangélica Episcopal*⁶⁰.

O novo templo e respectiva congregação não tinham, porém, estatuto legal que lhes permitisse realizar os actos de culto com alguma tranquilidade, razão que terá levado à petição apresentada ao Governo Português, para a qual foi solicitado o apoio diplomático das legação espanhola em Lisboa⁶¹, no sentido de estabelecer a Igreja Evangélica Espanhola. A portaria assinada pelo Marechal Duque de Saldanha durante o seu curto governo de pouco mais de três meses, datada de 5 de Agosto de 1870, pela qual se reconhecia e autorizava a actividade religiosa da nova entidade eclesial (que ficou sediada, naturalmente, na capela da Rua da Conceição), é vista como um marco histórico, um verdadeiro triunfo legal por algumas das fontes lusitanas⁶², se bem que atentos os precedentes da capelania anglicana inglesa e da comunidade alemã, também com o seu templo próprio, no âmbito das garantias da Carta Constitucional aos cidadãos estrangeiros, não fosse talvez surpreendente a anuência das autoridades, perante um pedido pacífico e além do mais sustentado pelas embaixadas do país vizinho e aparentemente também dos Estados Unidos⁶³.

A nova *Igreja Evangélica Espanhola* foi inaugurada solenemente a 11 de Dezembro de 1870, num culto público com a presença de 170 evangélicos espanhóis e portugueses⁶⁴ e onde fez pública abjuração do romanismo o P^c. João Joaquim da Costa Almeida,

56 Não conseguimos localizar este topónimo. Dado que a única referência que dele possuímos é uma carta de James Cassels, em inglês, transcrita para Português por A. ASPEY (*op. cit.*, p. 72) aparentemente a partir de um duplicado, poderá colocar-se a hipótese de se tratar de uma gralha, correspondendo a designação «Alianças» ao Largo das Olarias. Mais uma vez agradecemos ao Dr. Arménio Tojal, do Arquivo da Câmara Municipal de Lisboa, a inestimável colaboração para a localização destes locais na cartografia da Lisboa oitocentista.

57 *Op. cit.*, p. 298.

58 CASSELS, *op. cit.*, p. 69.

59 FIGUEIREDO, «*O Jubileu...*», p. 2.

60 *Idem*.

61 VILAR, *op. cit.*, p. 299.

62 Cfr. FIGUEIREDO, *Factos notáveis*, p. 44 e CASSELS, *op. cit.*, pp. 69-70.

63 VILAR, *ibid*.

64 *Ibid*.

prestigiado sacerdote que fora durante quinze anos capelão da Armada Portuguesa e que seria depois um dos fundadores da Igreja Lusitana.

Por essa altura, a IEE, que teria serviços religiosos quer em Castelhana, quer em Português, estaria dotada de uma certa dinâmica, com escola dominical, colégio e aulas nocturnas, se bem que o número de membros comungantes não ultrapassasse os 47 no ano de 1871⁶⁵. Durante esses anos, porém, perto de um dezena de sacerdotes católicos abjuram da sua confissão⁶⁶ e ligam-se, se bem que alguns apenas provisoriamente, à IEE, muitos deles adoptando a nacionalidade espanhola para iludir as disposições do Código Penal de 1852, que previa a expulsão do reino para os presbíteros católicos que abandonassem a confissão⁶⁷.

Juan B. Vilar assinala que em 1872 a congregação «conoció algunos progresos» e «buscó otro local más conveniente»⁶⁸, não se encontrando esta deslocação da capela registada nas fontes portuguesas, se bem que H. Noyes reporte que o crescimento da assistência aos cultos na capela da Rua da Conceição terá levado Mora a solicitar a utilização de um outro espaço, descrito como o «reading-room for English sailors»⁶⁹, no que foi atendido. O número de membros, entre comungantes (os admitidos formalmente à Eucaristia após pública afirmação da sua fé) e frequentadores mais ou menos regulares dos actos litúrgicos parece variar bastante ao longo dos anos e segundo as diversas fontes, oscilando os comungantes entre cerca de 50 e 150⁷⁰. Um aspecto importante decorrente do reconhecimento oficial da IEE pela citada portaria governamental é o facto de serem aceites como legítimos e legalmente válidos os registos de nascimento e matrimónio celebrados naquela igreja, estando também o respectivo ministro autorizado a recitar os officios fúnebres no cemitério no enterro dos seus membros⁷¹.

O pequeno colégio fundado por Herreros de Mora para ensino regular de crianças aparece documentado pelo menos desde 1872, a par de escolas nocturnas para adultos⁷², se bem que sejam raríssimas as informações sobre as matérias aí leccionadas. Constitui testemunho de relevo, a este propósito, a pequena nota biográfica do Rev. Augusto Ferreira Torres, redigida pela sua viúva num livro póstumo de sermões daquele clérigo. Segundo este apontamento, Augusto Torres, por quem Mora nutriria uma afeição paternal, frequentou a sua escola desde os dez anos, entre 1873 e 1876:

«Todos os dias ia para a escola que D. Angel tinha, e que pertencia á sua Congregação; e ahi aprendia, com o Rev. Mora, o latim, francez e theologia,

65 *Ibid.*, pp. 299-300.

66 CASSELS, *op. cit.*, pp. 38-40, 70-71.

67 SILVA, «A Igreja Lusitana...», pp. 741-742.

68 *Op. cit.*, p. 299.

69 NOYES, *op. cit.*, pp. 118-119.

70 Cfr. Anexo I.

71 Cfr. CASSELS, *op. cit.*, p. 70; NOYES, *op. cit.*, p. 118; ASPEY, *op. cit.*, p. 158.

72 VILAR, *op. cit.*, pp. 299-300.

indo depois ensinar a classe infantil, durante o tempo que lhe ficava disponível.»⁷³

Entretanto, uma assembleia realizada na IEE elege Herreros de Mora como Bispo daquela Igreja. Passou-se isto em Maio de 1875 e não em 1872, como por lapso regista Eduardo Moreira⁷⁴. As circunstâncias que levaram a esta eleição e o significado de que se revestiu merecem um breve comentário.

A congregação reunida por D. Angel pouco tempo depois da sua chegada a Lisboa foi sempre dirigida de acordo com princípios de ordem apostólica, uma prática litúrgica formal e plena adesão aos fundamentos doutrinários do anglicanismo, segundo afixam diversas fontes. No que respeita à liturgia, é indicado que Mora conduziria os serviços religiosos utilizando uma tradução portuguesa do *Common Prayer Book* da Igreja de Inglaterra⁷⁵ ou a liturgia da Igreja Episcopal dos Estados Unidos, provavelmente em versão castelhana⁷⁶. Do mesmo modo, no que concerne à ortodoxia doutrinária de Mora, bastará citar uma voz autorizada, o Rev. H. Noyes, capelão da embaixada britânica em Paris, que atesta com clareza que «the doctrines taught by the leaders of this little Church were on the lines of the Church of England», exemplificando-o com a plena aceitação dos conhecidos «Trinta e nove Artigos» da igreja anglicana por parte da IEE⁷⁷.

O profundo respeito de Mora pelo ministério ordenado e pela apostolicidade histórica da Igreja é outra das características da IEE que deve ser salientada, tendo em conta designadamente o contacto e colaboração que por certo manteria com os grupos de Helena Roughton, Robert Stewart e outros movimentos da linha evangélica mais informal ou «anti-hierárquica», como recentemente foram designados⁷⁸. Aliás, vincando bem esta especificidade, Cassels preocupou-se em explicitar que «todos os seus ministros [da IEE] tiveram ordens episcopais»⁷⁹.

A decisão da IEE de eleger Herreros de Mora como seu Bispo foi noticiada pela primeira vez numa carta do cônego Godfrey Pope ao Rev. Lewen S. Tugwell, director da *Spanish and Portuguese Church Missions*, datada de 27 de Outubro de 1875:

«...in May last the Committee of this Church in Lisbon, feeling the need of a head, and of showing publicly that they desired to follow our Church not only in her doctrine, but also in her form of Government, held a meeting and

73 TORRES, «Breves traços biographicos...», *op. cit.*, p. V.

74 *Vidas Convergentes...*, p. 234. O lapso de Moreira resulta da deficiente datação de uma carta de G. Pope para L. Tugwell (NOYES, *op. cit.*, pp. 119-120) e de uma segunda gralha, que é a de indicar 1872 como o ano da morte de Mora (MOREIRA, *op. cit.*, pp. 234 e 399).

75 NOYES, *op. cit.*, p. 119; HAMPTON, *op. cit.*, p. 50.

76 Cfr. CASSELS, *op. cit.*, p. 73 e FIGUEIREDO, *Factos notaveis...*, p. 44.

77 NOYES, *op. cit.*, p. 119.

78 SANTOS, Luís Aguiar: «A transformação do campo religioso português». In Azevedo, Carlos M. (dir.): *História Religiosa de Portugal*. Vol. 3. Lisboa: Círc. Leitores/Univ. Católica Port. 2002, p. 452.

79 *Op. cit.*, p. 85.

unanimously chose Señor Mora as their Bishop-elect. They held the election, being at the time quite aware that years might elapse before the actual consecration.»⁸⁰

Esta eleição para o episcopado não parece na altura ter tido grande publicidade ou acolhimento nos meios religiosos reformistas, considerando, por exemplo, o silêncio que sobre o caso parece pesar nas correspondências coevas coligidas por Albert Aspey⁸¹. A primeira fonte portuguesa que se lhe refere, passadas mais de duas décadas, é Diogo Cassels, na primitiva versão do seu livro *A Reforma em Portugal*, publicada em fascículos no jornal que fundou, o *Egreja Lusitana*⁸². Evidenciando conhecer a carta de Pope sobre a questão, a decisão da IEE é explicada por Diogo Cassels, com desarmante simplicidade, pelo desejo de «afirmar a sua adesão á ordem Apostolica», quando os episcopais «perderam a esperança de o Bispo de Vizeu se unir á Reforma»⁸³.

Na carta de Pope que acima citámos, o capelão britânico expressa claramente o seu desacordo acerca da eleição de Herreros de Mora para o episcopado: «...when consulted by them as to the expediency of such a step, I strongly advised them against it, as I consider the time has not come for such a step.»⁸⁴ Ao mesmo tempo, porém, Pope solicita a ajuda financeira da sociedade missionária sediada em Londres e dirigida por Tugwell, explicitando que:

«These people are not yet able to walk alone, and until they become so, English help and guidance will be most valuable. (...) They are now in a most critical position, and upon the steps now taken the success or failure of the movement will greatly depend... (...)»⁸⁵

Na parte final da mesma carta, Pope notava que Mora começava a envelhecer, sugerindo que fosse libertado do trabalho paroquial para se dedicar ao ensino e treinamento de outros obreiros que pudessem continuar o seu trabalho, para o que pede a ajuda de Tugwell e da sua sociedade. Nos finais desse ano de 1875, o Rev. Lewen Tugwell vem a Lisboa e confirma as informações de Pope, ao mesmo tempo que decide «to employ four

80 NOYES, *op. cit.*, pp. 119-120.

81 *Por este caminho...*, *op. cit.*

82 *Egreja Lusitana*. Nº 10 (Out. 1897) – Nº 58 (Out. 1898), Vila Nova de Gaia.

83 CASSELS, *op. cit.*, p. 73. *Egreja Lusitana*, nº 54 (Jun. 1898), p. 3. O Bispo de Vizeu, D. António Alves Martins (1808-1882), foi um importante parlamentar reformista, chegando a exercer funções como Ministro do Reino entre 1868 e 1871. As suas posições religiosas, designadamente a recusa da infalibilidade papal, terão suscitado no meio protestante a esperança que D. António abjurasse da igreja romana, o que não se concretizou (CASSELS, *op. cit.*, p. 31; MOREIRA, *Vidas Convergentes...*, pp. 253, 284-285; SILVA, «Os protestantes e a política...», p. 277).

84 NOYES, *op. cit.*, p. 120.

85 *Ibid.*, pp. 119-120. A transcrição da carta de Pope por parte de H. Noyes tem aqui uma lacuna intencional.

reformed Portuguese priests (...). Three of them were appointed to work in Portugal, and the fourth, the Rev. Henrique Riberio [Ribeiro], to Seville, to take charge of the Church of the Ascension»⁸⁶. Os presbíteros, não nomeados, cujos salários a Sociedade decidira subvencionar com vista ao seu trabalho em Portugal pertenceriam sem dúvida ao grupo de ex-padres romanos que haviam deixado aquela confissão para se ligarem a Mora, tendo-se até, na maior parte dos casos, naturalizado espanhóis. Estavam nessa condição João Joaquim da Costa Almeida, que liderava a congregação entretanto formada em Rio de Mouro (Sintra), António Ferreira de Miranda, Manuel António Pereira Júnior, que não abdicou da sua naturalidade, e António Ribeiro de Melo, que viria a ser uma espécie de coadjutor de Mora, a quem sucederia na liderança da comunidade após a sua morte em 1876. A indicação de Henrique Ribeiro Ferreira de Albuquerque para pastor da Igreja da Ascensão, o terceiro dos templos utilizados pela Igreja Episcopal Reformada em Sevilha, sob a égide do Rev. Tugwell e do Rev. Francisco Palomares⁸⁷, é bastante curiosa, tanto mais que, segundo Cassels, Henrique Ribeiro terá de facto estado em Sevilha, com sua esposa, durante «cerca d'um anno, prégando algumas vezes n'uma capella evangelica d'aquella cidade»⁸⁸.

A transcrição desta correspondência por parte de H. Noyes ilumina um parágrafo pouco claro de uma carta posterior, dirigida pelo cônego Pope a Lord Plunket, bispo de Meath:

«In 1875, at Mr. Mora's urgent request, I asked Mr. Tugwell to come out and help. He did so (...). Into the details of that time I need not enter here. Suffice it to say, that the aid so generously given by Mr. Tugwell has proved most valuable.»⁸⁹

Aparentemente, o pedido urgente de apoio de D. Angel a Pope relacionar-se-ia com dificuldades financeiras, decorrentes da circunstância de ter na sua igreja vários padres egressos de Roma que desejavam continuar a actividade pastoral na corrente episcopal e que porventura careceriam, pelo menos alguns deles, de meios de subsistência. Poder-se-á interpretar a expressão de Pope para justificar a eleição de Mora, «feeling the need of a head»⁹⁰, como podendo sugerir qualquer tensão ou divergência entre o mesmo Mora e o grupo de eclesiásticos que se lhe tinham juntado? Concorreria para sanar qualquer desconforto interno o desejo de Pope de que Mora se dedicasse mais à formação deixando a outros as mais exigentes lides pastorais? De facto, os últimos anos da vida de Herreros de Mora terão sido marcados por algumas dificuldades, ou como disse depois um seu

⁸⁶ *Ibid.*

⁸⁷ SERRANO ÁLVAREZ, Francisco: *Contra vientos y mareas. Los sueños de una iglesia reformada hechos realidad*. Barcelona: Clie. 2000, pp. 88ss.

⁸⁸ CASSELS, *op. cit.*, p. 79.

⁸⁹ POPE, p. 16.

⁹⁰ NOYES, *op. cit.*, p. 119.

congregado, «acontecimentos que lhe acumularam muitos desgostos que o levaram á sepultura»⁹¹.

Como se pode ver pelas correspondências citadas, Godfrey Pope discordou claramente da eleição de Herreros de Mora para o episcopado, considerando-a precipitada e inconsequente; e se bem que reconhecesse a ortodoxia de princípios da IEE, «always episcopal and liturgical»⁹², não deixa de notar a Noyes que «these people are not yet able to walk alone»⁹³, o que pode ser entendido quer no sentido da auto-suficiência financeira, quer também no plano da relativa autonomia jurisdicional decorrente dos episcopais de Lisboa poderem dispor de um bispo próprio.

Por outro lado, se Pope considerava inoportuna a eleição de um bispo «nacional» (se bem que não português) em 1875, apenas três anos depois mas já depois da morte de Mora, em 1878, o mesmo Pope apoia o *Memorial* que clérigos e leigos das igrejas episcopais reformadas de Espanha e Portugal conjuntamente dirigem à primeira Conferência de Lambeth, o grande *forum* internacional do episcopado anglicano reunido em Julho desse ano, apelando precisamente à designação de um bispo, que seria o primeiro, segundo diziam, «para uma igreja peninsular independente»⁹⁴. Compreensivelmente, a anterior eleição de Mora, apesar de já falecido, não é sequer mencionada, comprovando que terá sido entendida como um incidente extemporâneo e sem qualquer reflexo fora das paredes do templo da Praça das Flores.

Após a morte de Angel Herreros de Mora, em Maio de 1876, a IEE passou a ser pastoreada pelo Rev. António Ribeiro de Melo, substituído por Henrique Ribeiro Ferreira de Albuquerque em 1878⁹⁵. Foi com a sua liderança que em 1880 a IEE se reuniria à Igreja Lusitana, poucos meses após a sua fundação, tomando o nome de Igreja de S. Pedro, com que se manteve até à actualidade.

O papel de D. Angel na construção da Igreja Lusitana

Os dados que aqui reunimos permitirão talvez um melhor enquadramento da figura do Rev. Angel Herreros de Mora e da comunidade religiosa que fundou em Lisboa na evolução do movimento de reforma religiosa em Portugal.

Sobre o homem, porém, não se adianta por ora muito mais, desde logo por desconhecimento ou impossibilidade de acesso aos seus textos. As suas obras mais citadas são um pequeno opúsculo de carácter autobiográfico, traduzido e prefaciado por W. H. Rule, intitulado *A Narrative by Dn. Angel Herreros de Mora of his imprisonment*

91 ALVES, *op. cit.*

92 POPE, *op. cit.*, p. 16.

93 NOYES, *op. cit.*, p. 119.

94 NOYES, *op. cit.*, pp. 57ss.; SERRANO, *op. cit.*, pp. 189ss. Com prudência, sugeriam os memorialistas que o bispo a designar deveria ser um clérigo da Igreja de Inglaterra, conhecedor do carácter dos povos peninsulares e que dominasse ambas as línguas ibéricas (NOYES, p. 60; SERRANO, p. 194).

95 *A Reforma*, 4º Ano, Nº 17. (4 Abr. 1878). Porto, p. 67.

by the «Tribunal of Faith», and escape from Spain (Londres, 1856); e um livro de maior fôlego e carácter doutrinal – *La Iglesia de Jesu-Cristo en España* (Nova Iorque, 1869)⁹⁶. Este último, a avaliar pela sinopse que dele apresenta J. B. Vilar⁹⁷, sustenta a tese de que a reforma religiosa que Mora e outros advogavam mais não era que o regresso ao cristianismo primitivo que de forma autónoma se experienciara em Espanha, antes que a dominação religiosa de Roma subvertesse o espírito evangélico original, o que permite aproximar este movimento – como o fizeram em Portugal Diogo Cassels, Joaquim dos Santos Figueiredo e posteriormente Eduardo Moreira – de um «reformismo católico» ou «velho-catolicismo», que simultaneamente se assumia como «protestante» mais pelo sentido de combate e correcção aos «erros» de Roma com a doutrina bíblica que, naturalmente, por qualquer filiação historicamente documentada com os grandes fundadores do Protestantismo moderno.

Para além destes dois livros, porém, Herreros de Mora terá publicado um compêndio escolar de filosofia⁹⁸ pouco depois de deixar a igreja romana, por alturas de 1843, e, ainda antes de sair de Espanha em 1855, terá escrito «uma obra de crítica à Companhia de Jesus»⁹⁹, tendo também editado «discursos liberais de Rafael Degollada, Corradi, Montesinos, Ruiz Pons, Suris, Seoane, Nicolau Salmerón, Figueras e outros»¹⁰⁰, obras que permanecem por localizar e que poderiam iluminar melhor o pensamento religioso e político da figura que estamos a tratar. Atribui-se-lhe ainda a autoria de composições poéticas¹⁰¹.

Não é fácil, igualmente, detectar entre as fontes coevas indícios que nos permitam criar a personagem de D. Angel, traçar um perfil psicológico que se adegue à também escassa iconografia disponível, resumida à fotografia esmaecida do vulto de longas barbas brancas sob um olhar determinado¹⁰² (Fig. 1), que o desenho do busto projectado para o seu mausoléu (Fig. 2) parece retomar numa imagem mais envelhecida e com a expressão de serenidade que a circunstância exigia.

Diogo Cassels descreve Mora como um «homem excêntrico, [que] sem duvida tinha as suas faltas (...) mas era poderoso nas Sagradas Escripturas, e ensinava seus congregados a amar e lêr a Biblia. Era cheio de fé, de grande piedade e de abnegação christã»¹⁰³,

96 Não tivemos acesso a qualquer destas obras publicadas por Herreros de Mora, que aparentemente não existem em bibliotecas portuguesas.

97 *Op. cit.*, p. 300.

98 MOREIRA, *op. cit.*, p. 227; VILAR, *op. cit.*, p. 295.

99 MOREIRA, *op. cit.*, p. 228.

100 *Ibid.*

101 Uma informação patente no *site* do CER – Centro de Estudios de la Reforma, dá conta de que «las poesías de este polifacético autor, se encuentran en varios himnarios, antiguos y modernos, de todo el mundo castellano parlante». Cfr. <http://www.interbook.net/personal/cer/Biblio/Textos/rpr2.htm> (disponível em 27-10-2003).

102 Esta fotografia foi inicialmente publicada por Santos FIGUEIREDO em 1910 (*Factos notaveis...*, p. 16), sendo depois reproduzida por Eduardo MOREIRA em 1949 (*Esboço da História...*, p. 10).

103 CASSELS, *op. cit.*, p. 68.

acentuando também a sua generosidade e modéstia de recursos, como já observámos. Noutro local, o mesmo Cassels refere que Mora «impunha uma disciplina rigorosa mas era muito respeitado e amado pela congregação»¹⁰⁴. Nos *Factos Notáveis da História da Igreja Lusitana*, Santos Figueiredo regista o seu trabalho, fé e ilustração¹⁰⁵, acrescentando que era «homem de aspecto venerando»¹⁰⁶, «versado em Historia Ecclesiastica e um theologo erudito», que incentivava os seus fiéis a lutar por uma igreja nacional e independente de Roma¹⁰⁷. Anos depois, o mesmo Autor completa o panegírico:

«O rev. Móra foi na verdade um reformador, tinha sciencia, tinha fé, e tinha grande coragem. Era um erudito e um crente, conhecendo profundamente a Bíblia, e a História Ecclesiastica, e o Cristianismo na vida social, pois residiu por muito tempo nos Estados Unidos da America do Norte. (...) Mas, para os que vêm fundo nas questões religiosas e sociais era Herreros de Móra um benemerito filósofo cristão que (...) se sacrificava pelo bem da sociedade.»¹⁰⁸

De Godfrey Pope, que sempre prestou apoio a Mora, chegando a ser considerado largamente responsável pela instituição da IEE¹⁰⁹, não se conhece qualquer apreciação qualitativa sobre o clérigo espanhol e outro presbítero anglicano, H. Noyes, descreve-o singelamente como «a man of talent and piety»¹¹⁰, precisamente os adjectivos com que o classifica Eduardo Moreira, que resume a visão do seu tempo sobre Herreros de Mora:

«Hoje, para nós, é uma figura quase lendária, com aspecto de santo medieval transplantado para o século XIX, (...) com suas longas e belas barbas de apóstolo, seus formosos olhos peninsulares, sua generosidade sem medida.»¹¹¹

Em meados de 1868, em carta para Diogo Cassels, o pastor presbiteriano Robert Stewart, aludindo por certo ao «despejo» por parte do senhorio da casa que Mora havia alugado para a congregação (talvez a da Trav. da Horta de Jesus), critica o que parece ser alguma agressividade evangelística por parte do ministro espanhol:

«Podemos prégar abertamente mesmo aos portugueses, logo que não haja da nossa parte nenhuma tentativa para forçá-los a entrar nos nossos lugares de culto. Deixêmo-los vir por mera inclinação e não usemos termos fortes ao

104 ASPEY, *op. cit.*, p. 157.

105 FIGUEIREDO, *Factos notáveis...*, p. 45.

106 FIGUEIREDO, «O Jubileu...», p. 1

107 FIGUEIREDO, *Factos Notáveis...*, p. 44.

108 FIGUEIREDO, «O Jubileu...», pp. 1-2.

109 HAMPTON, *op. cit.*, p. 50.

110 *Op. cit.*, p. 117.

111 *Vidas Convergentes...*, p. 231.

falar daquilo que é falso na sua religião. O Rev. Sr. Mora errou gravemente neste ponto, e chamou sobre si as consequências da sua imprudência, ficando privado de um lugar onde poderia prègar»¹¹².

Na verdade, fosse pelo estilo próprio de liderança que punha em prática na IEE, como sugere Cassels, fosse pelo vigor com que denunciaria os erros de que se afastara ao abjurar da comunhão romana, como deplora o pastor escocês, a capacidade de atracção da IEE junto do clero egresso católico-romano¹¹³ contrasta um pouco com o isolamento que parece notar-se em relação à restante comunidade acatólica. Esse distanciamento ter-se-á dado quer com os grupos mais populares e não-hierárquicos, que acolheram D. Angel à sua chegada a Lisboa, quer também com G. Pope e os reformadores de pendor católico e episcopal das três congregações que em 1878 constituiriam a Igreja Episcopal Reformada Portuguesa, embrião da Igreja Lusitana¹¹⁴, e está patente segundo entendemos no pouco acolhimento que terá tido a eleição de Herreros de Mora como bispo. Por fim, não deixa de causar uma certa estranheza o absoluto silêncio acerca de eventuais contactos de Mora com D. Vicente Gómez y Togar, cuja igreja continuou activa até à década de 1870, sendo ambos espanhóis e ex-padres católicos convertidos ao anglicanismo.

Avaliar por isso o papel de Herreros de Mora na construção doutrinal, litúrgica, pastoral e até institucional do que pouco depois da sua morte evoluiria para a actual Igreja Lusitana (1880) é tarefa de grande dificuldade, dada a escassez de fontes qualitativas sobre o seu pensamento e acção.

Um folheto editado por volta de 1920, intitulado *Um Bispo Nacional*, começa por recordar que

«Já faz cincoenta anos que a reforma catholica foi iniciada em Portugal pelo Rev. Angel Herreros de Mora, que foi eleito bispo por seis presbyteros que tinham saído da egreja de Roma, bem sabendo que alguns anos podiam

112 ASPEY, *op. cit.*, p. 47 (itálico no original).

113 Se bem que, décadas mais tarde, FIGUEIREDO observe com frieza a pouca perseverança na fé da grande maioria dos padres católicos que se juntaram a Mora, dos quais poucos ficariam na Igreja Lusitana («O Jubileu...», p. 2).

114 Da qual a IEE estava ausente, ao contrário da de Rio de Mouro, pastoreada pelo Rev. J. J. da Costa Almeida, um dos primeiros seguidores de Mora, que chegou a constituir como que uma missão da IEE. Sobre os primórdios da Igreja Lusitana ver, para além dos trabalhos de Eduardo Moreira, Santos Figueiredo e Diogo Cassels já citados, MOREIRA, J. Mendes: *Origens do Episcopalismo em Portugal. O despertar da Igreja Lusitana (1839-1899)*. Porto: Fac. Letras Univ. Porto. Dissert. mestrado. 2 vols. Texto policop. 1995; SILVA, «A Igreja Lusitana e o Republicanismo...», *op. cit.*; SANTOS, Luís A.: «A primeira geração da Igreja Lusitana Católica Apostólica Evangélica (1876-1902)». *Lusitania Sacra*. 2ª série. 8-9 (1996-1997). Lisboa, pp. 299-360; NETO, Vítor: *O Estado, a Igreja e a Sociedade em Portugal (1832-1911)*. Lisboa: INCM. 1998; SANTOS, Luís A.: «Igreja Lusitana Católica Apostólica Evangélica». In Azevedo, Carlos M. (dir.): *Dicionário de História Religiosa de Portugal*. Vol. C-I. Lisboa: Circ. Leitores/Univ. Católica Port.. 2000, pp. 412-414; PEIXOTO, Fernando: *Diogo Cassels, uma vida em duas margens*. Vila Nova de Gaia: C. M. V. N. Gaia. 2001.

passar antes que ele fosse sagrado, mas eles estavam ansiosos para afirmar a sua adherencia á ordem Catholica e Apostolica de instituição divina.»¹¹⁵

O pequeno prospecto, que não é assinado¹¹⁶, apela à sagração de um bispo português para a Igreja Lusitana, o que é reforçado em 1922 pela eleição de Santos Figueiredo para o múnus episcopal. Porém, o mesmo texto sublinha, quase meio século após a morte de Mora, o papel daquele clérigo na génese da «reforma católica» em Portugal, caracterizada pelos grandes princípios que orientariam a ILCAE: *catolicidade e apostolicidade*. O primeiro a destacar o papel fundador de Herreros de Mora foi naturalmente Diogo Cassels, que o designou directamente como «fundador não só da congregação Evangelica Espanhola, mas da Reforma Catholica em Portugal em 1870»¹¹⁷, se bem que noutro ponto acentue o papel colectivo e eminentemente nacional do movimento¹¹⁸.

Porquê destacar então Angel Herreros de Mora como expoente da convergência ibérica no processo de implantação do anglicanismo peninsular?

Vista pelo lado das nações ibéricas essa convergência é notável pelo paralelismo cronológico dos movimentos espanhol e português, se recordarmos que no mesmo ano de 1867 em que Mora desembarcava em Lisboa, chegava também a Sevilha o Rev. Tugwell¹¹⁹, para aí lançar as bases do episcopalismo. Em ambos os países as correntes reformadoras resultaram da vontade de reformismo católico representada por padres que abandonavam a confissão romana, cruzada com a seiva evangelística dos missionários do *réveil*, ainda em fase de alguma indeterminação confessional, com o apoio de sociedades britânicas anglicanas e metodistas e de incansáveis figuras tutelares como W. Rule, que em Gibraltar ou Londres, entre correspondências e visitas, animaria duas gerações de protestantes, usando este termo em sentido lato. O *Memorial* conjunto dirigido à Conferência de Lambeth em 1878 levaria à fundação das duas Igrejas, Lusitana e Episcopal Espanhola, no mesmo ano de 1880, mas pelo caminho há que notar a presença de Gómez y Togar e D. Angel em Lisboa¹²⁰, como de Henrique Ribeiro em Sevilha, para além de Pope, Tugwell e outros, verdadeiras pontes entre os estados peninsulares e destes com a Grã-Bretanha.

Do lado extra-peninsular, a visão da problemática religiosa da Península foi sempre conjunta, se bem que respeitando naturalmente as especificidades nacionais. Evidenciam-no com clareza a circunstância de terem um enfoque ibérico a maioria das sociedades missionárias, entre as quais se destacaria a *Spanish and Portuguese Church Aid Society*. Visitando Madrid e Lisboa em 1881, o bispo de Meath, Lord Plunket, repetiu a saudação

115 *Um Bispo Nacional*. S.l., S.d.

116 Parece-nos, pelo teor do texto, que só pode ser atribuída a sua autoria a Diogo CASSELS ou a Joaquim dos Santos FIGUEIREDO, inclinando-nos mais para o primeiro.

117 CASSELS, *op. cit.*, p. 70.

118 *Idem*, pp. 72-74.

119 Aliás, substituindo Godfrey Pope, que veio para Lisboa.

120 Para além de outros, que não cabem neste estudo.

do episcopado irlandês em ambas as capitais. A perspectiva do seu discurso foi essencialmente ibérica, se bem que a maior precocidade dos reformadores espanhóis levasse a que só estes fossem nomeados, sendo de notar que Herreros de Mora não foi esquecido:

«O amor de Christo é que deu a Matamoros, a Alhama, a Trigo e a Carrasco animo para preferirem o carcere á negação do seu divino Mestre. O mesmo motivo levou Gomez e Mora a deixarem tudo para poderem prégar o Evangelho em Portugal.»¹²¹

Angel Herreros de Mora foi um precursor que rasgou caminhos novos, armado com a audácia e persistência, ou mesmo obstinação, para além da generosidade que muitos dos seus conterrâneos e discípulos lhe apontaram. Num tempo de contradições e oportunidades, a acção religiosa e a afirmação de diferentes valores e convicções colocaram-no com naturalidade no centro da luta pelas liberdades de expressão e de crença defendidas pelos sectores mais progressistas. E involuntariamente converteram-no também em símbolo da igualdade de direitos na sepultura, como recordaria um dos seus seguidores:

«...elle rompeu os muros da intolerancia que não permitiu a sepultura n'um cemiterio municipal a pessoa que não professasse as doutrinas de Roma (...). O cadaver d'este homem derrubou a barreira que queria differenciar a terra no campo da igualdade, e depois do seu enterramento a terra recebe em seu seio uns e outros seja qual for a sua crença.»¹²²

121 *Discurso pronunciado pelo Exmo. e Revmo. Lord Plunket (...) no dia 10 de Abril de 1881.* Lisboa, 1881. Reprod. em PEIXOTO, Fernando – *Diogo Cassels...*, p. 389. O discurso pronunciado em Madrid encontra-se em SERRANO, *op. cit.*, págs. 244ss., podendo ler-se a versão original inglesa no boletim *Light and Truth*, vol. 1 (6), Jun. 1881.

122 ALVES, *op. cit.*, p. 158.



FIG. 1. *Angel Herreros de Mora (1815-1876)*



FIG. 2. *Projecto de jazigo para o Cemitério dos Prazeres, Lisboa (1878)*



FIG. 3. Cemitério dos Prazeres, Lisboa. Jazigo para onde foi trasladado Herreros de Mora em 1879.

Anexo I

ANGEL HERREROS DE MORA

Cronologia

ANO	DATA	ACONTECIMENTOS
1815		Nascimento de Angel Herreros de Mora, em Madrid
		Estuda nas Escolas Pias e frequenta depois o Colégio Dominicano das Missões Asiáticas, em Ocaña
1834		Surge como noviço no Convento de S. Tomás, em Madrid
c.1836		É coadjutor da paróquia madrilenha de S. Sebastião, dedicando-se também ao ensino
1841		É professor de Latim num colégio de humanidades, em Madrid
1843		Mora deixa o Colégio Dominicano. É ordenado presbítero na Igreja Jansenista
1843-1846		É professor de Lógica e Moral no Colégio Hispano, também em Madrid. Publica um compêndio de filosofia para as escolas
1850		Recusa um apelo para regressar à Igreja Romana. Começa a ser molestado pela polícia, provavelmente em razão das suas ideias políticas e religiosas, de carácter pouco ortodoxo
1855		Mora encontra-se ligado a um <i>Comité para o Fomento do Evangelho em Espanha</i>
		Viaja para França, onde se liga ao protestantismo, em Bordéus
	Abr., Mai.	Desloca-se à Grã-Bretanha, para recolher fundos e outros apoios. De Londres segue para Edimburgo, onde consegue apoio da <i>Spanish Evangelization Society</i>
		Viaja para os Estados Unidos, onde casou com uma norte-americana evangélica
1856	Jul. 16	Regressou a Madrid, investido do cargo de agente da <i>American Bible Society</i> para Espanha e Portugal
	Ag. 27	Foi detido pela polícia e entregue às autoridades eclesiásticas, acusado de apostasia e concubinação
		É preso, interrogado e supostamente maltratado, durante quatro meses
	Nov.	Consegue evadir-se e refugiar-se na embaixada dos EUA
		Viaja para Paris, donde segue para Inglaterra
		É publicada em Londres a sua autobiografia, traduzida e prefaciada por W. H. Rule: <i>A Narrative by Dn. Angel Herreros de Mora of his imprisonment by the «Tribunal of Faith», and escape from Spain...</i>
1862		Segue para os Estados Unidos, estabelecendo-se em Nova York. Adopta a nacionalidade norte-americana
1863	Abr. 28	O Bispo de Nova York da Igreja Episcopal Americana reconhece-lhe as ordens sacras de presbítero, confiando-lhe a paróquia de Santiago, naquela cidade
1867		Mora resigna o pastorado de Nova York e regressa a Londres
	Out.	Angel Herreros de Mora chega a Lisboa
		Começa a pregar em casa de Helena Roughton, na Cruz da Tabuada, aos Domingos
1868		Inicia reuniões religiosas, às Segundas-feiras, num salão à Moeda cedido por Robert Stewart, «com uns quarenta assistentes, que na Páscoa desse ano, dizem os relatórios terem subido a seiscentos». As reuniões foram atacadas por populares, que destruíram a sala de culto e ameaçaram Mora, obrigando à intervenção do embaixador (?) norte-americano junto das autoridades portuguesas.
		Cultos dominicais numa casa do Largo das Olarias, com assistência de mais de 70 pessoas

	Mar.	Cultos num salão da Travessa da Horta de Jesus, onde Mora «foi atacado várias vezes pela multidão», o que obrigou à intervenção das autoridades
		A congregação terá sido despejada pelo senhorio do prédio arrendado, passando a reunir-se, durante dois anos, «de forma clandestina em casas particulares», com dificuldades de subsistência por parte de Mora
		Os cultos continuariam, três vezes por semana, no Largo das Alianças
	Verão ?	Mora visita Vila Nova de Gaia, onde ministra a Sagrada Comunhão a cinco pessoas
1869	Dez. 8	Inauguração da <i>Igreja Evangélica Episcopal</i> , «numa barraca» da Rua da Conceição, à Praça das Flores. Perto, num andar arrendado viveria Mora.
		Edita-se em Nova York o livro de Mora: <i>La Iglesia de Jesu-Cristo en España</i>
1870	Jul. 5	Uma comissão de três indivíduos entrega à embaixada espanhola em Lisboa uma exposição assinada por 304 cidadãos espanhóis residentes na capital solicitando apoio diplomático a uma petição que tinham apresentado ao Governo Português para estabelecer uma Igreja Evangélica Espanhola
	Ago. 5	Portaria do Marechal Saldanha, reconhecendo e autorizando as actividades da <i>Igreja Evangélica Espanhola</i> em Lisboa
	Dez. 11	Culto inaugural da <i>Igreja Evangélica Espanhola</i> (IEE), no templo da Rua da Conceição «um amplo celeiro transformado em templo...com apoio financeiro proveniente de cidadãos americanos», com uma assistência de «170 evangélicos espanhóis e portugueses». Neste acto teve lugar a abjuração pública do catolicismo do Pe. João Joaquim da Costa Almeida
		Cerca de uma dezena de padres católicos aderem à IEE
1871		A IEE tem 47 membros comungantes. Adere à Igreja o Pe. Henrique Ribeiro Ferreira de Albuquerque
1872		A IEE tinha serviços em castelhano e português, instalou escolas dominicais e nocturnas e era frequentada por 82 membros comungantes
		Uma comissão de senhoras da Igreja Luterana de Lisboa, reúne fundos para apoio à IEE e respectiva escola elementar, «cuja pobreza era bem conhecida»
1873		A IEE tem apenas serviços em castelhano. A escola continuava em funcionamento, sendo professor o Rev. Mora
1874		Realiza-se na IEE o casamento do Rev. Manuel António Pereira Júnior, o primeiro ex-padre católico a casar na IEE sem renunciar à sua nacionalidade
1875		Diogo Cassels visita Mora em Lisboa, na sua residência, «onde encontrou umas 30 crianças numa escola dominical e viu também os seus trabalhos manuais». No mesmo dia, no culto dominical, pregou na IEE o Rev. Manuel Brise, ex-padre romano. A IEE teria 300 aderentes e pelo menos 150 comungantes na altura
	Mai.	Uma «assembleia» da IEE nomeou Mora como «bispo-eleito» da Igreja
		A pedido de Mora, o Cônego Pope solicita a visita de Mr. Tugwell, director da <i>Spanish and Portuguese Church Missions</i> , que veio a Lisboa prestar apoio à IEE, assumindo os vencimentos de quatro clérigos
1876		José Nunes Chaves «depois de entrevistas com Mora», ingressa na IEE. A IEE tem então «uma congregação mista de portugueses e espanhóis e tem também aulas»
	Primav.	Mora adocece, com um ataque de paralisia a que se seguiria uma infecção pulmonar
	Mai. 7	Morte de Herreros de Mora
	Mai. 8	Funeral de Herreros de Mora para o Cemitério Ocidental de Lisboa (actual Cemitério dos Prazeres), onde foi sepultado na campa nº 3713
		O Rev. António Pereira de Melo sucede a Mora como responsável pela IEE

1877	Ago.	A IEE contava com 512 membros, dos quais 96 comungantes. Mantinha-se também o «colégio diário», com 32 crianças. A IEE estava federada à Igreja Episcopal dos EUA
1878	Mai. 18	Uma comissão representada por Augusto Carlos Vilas solicita à Câmara Municipal de Lisboa autorização para erigir um jazigo, com um busto de Mora, no cemitério onde o mesmo se achava sepultado, o que é deferido
1879	Mai. 8	O corpo de Herreros de Mora é transferido para o mausoléu nº 2597 do Cemitério Ocidental de Lisboa